

## Introdução

*I have not failed, I've just found ten thousand ways that won't work.*

(Thomas Edison, supostamente sobre seus experimentos até chegar à lâmpada incandescente)

Jovens, joguinhos eletrônicos e comportamento desviante. Há dois anos e meio, quando iniciei as aulas no Mestrado, era este o meu horizonte de investigação. À época, eu percebia intuitivamente que um vínculo de afinidade entre estes três elementos seria estabelecido pelo senso comum. Muitas vezes, lendo jornais e revistas ou assistindo à televisão, notava que este vínculo de afinidade ganhava ares mais resolutos e começava a soar como uma relação de causalidade e, dependendo do tom da matéria jornalística, esta causalidade parecia necessária. Em outras palavras, e esta era uma impressão preliminar que talvez tenha sido também a primeira hipótese investigativa a orientar o presente trabalho, parecia-me bastante difundida a idéia de que os jovens, jogando jogos eletrônicos, encaminhavam-se inescapavelmente para atos de transgressão. Minha intenção inicial, portanto, consistia em me debruçar sobre esta representação que aparentemente aliava jovens e comportamento desviante mediados pelos joguinhos, descobrir se realmente se tratava de um fato social.

Jovens, joguinhos eletrônicos e comportamento desviante<sup>1</sup>. Meu primeiro passo na investigação desta tríade, acredito, foi o mais lógico: estudar o jovem. Afinal, é ele quem joga e quem potencialmente desvia. “Assim que tiver acumulado um corpo teórico mais consolidado sobre o jovem, assunto que não me chamou muito a atenção durante a Graduação de Ciências Sociais, começo a pesquisa para valer. Um passo para trás, dois para frente”, pensava. Meu raciocínio era bem simples: como julgava ter já um mínimo de familiaridade com trabalhos sociológicos que tratavam de desvio e transgressão, obras de autores

---

<sup>1</sup> Hoje eu nuançaria o emprego da categoria “comportamento desviante” por percebê-la relativamente datada. Mantive-a aqui porque foi com ela em mente que iniciei meus esforços investigativos.

como Émile Durkheim, Robert K. Merton, Howard Becker, Erving Goffman e Norbert Elias, julgava também que a revisão e a atualização dos meus conhecimentos bastariam para que eu desse conta da tarefa que me propus. Além disso, os jogos eletrônicos fazem parte do meu cotidiano pelo menos desde que tenho três anos de idade. Acreditava que alguns livros a seu respeito seriam o suficiente para que eu chegasse a um melhor entendimento histórico e teórico sobre algo que já controlava na prática há quase tanto tempo quanto o próprio português. Ao que parece, este passo foi também o último daquela primeira hipótese.

Um dos primeiros textos que tomei em mãos para iniciar aquilo que, pretendia, seria apenas um breve estudo preliminar sobre os jovens tinha um título bastante sugestivo: *Aproximando-se do conceito de juventude*, capítulo de um livro de autoria de Ana Paula Corti e Raquel Souza<sup>2</sup>. Da leitura que realizei desta obra, retive uma importante informação para o meu trabalho: nos dias de hoje, o conceito de juventude passaria pelo que as autoras chamam “descronologização”, ou seja, “a dissolução das referências cronológicas para a definição desse ciclo de vida”<sup>3</sup>. Em outras palavras, a juventude não estaria mais vitrificada numa faixa etária específica como, por exemplo, 15 a 24 anos. Assim, este conceito se tornava bastante maleável, o que acabava por gerar uma indefinição sobre o que eu teria que investigar mais à frente, isto é, o jovem.

Desejoso de um pouco mais de nitidez conceitual, comecei a me aprofundar na literatura sobre o jovem e, mais especificamente, sobre o jovem da família das camadas médias urbanas. Este era o recorte que julgava mais produtivo para compreender os jogos eletrônicos e o comportamento desviante no Brasil. Através dele, deixava aberta a janela para, eventualmente, realizar uma comparação com o contexto dos EUA, país onde é vívido o debate sobre um suposto vínculo entre os *videogames* e a agressividade e a violência juvenis.

Diz-se que Karl Marx<sup>4</sup>, além de escrever o que é muitas vezes considerado o seu maior clássico, *O capital*, pretendia também compor outras obras similares para compreender a “economia burguesa”, planejando debruçar-se sobre outros

---

<sup>2</sup> CORTI, A. P.; SOUZA, R. *Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores*. São Paulo: Ação Educativa, 2004.

<sup>3</sup> Id., *ibid.*:19.

<sup>4</sup> MARX, K. “Para a crítica da economia política”. In: \_\_\_\_\_. *Marx*. Tradução: Edgard Malagodi. São Paulo: Nova Cultural, 2000, pp.25-54.

cinco (!) elementos deste “sistema”<sup>5</sup>. Ele não conseguiu. Ainda que tivéssemos intenções mais modestas que as de Marx, os jogos eletrônicos e o comportamento desviante realmente ficaram para uma “próxima”. Quando me dei conta, já havia sido sugado – ou me jogado – para dentro do buraco, até aqui sem fundo, da antropologia e da sociologia da família. Enfim, aquele parêntese que havia aberto com o intuito de rapidamente fechar, não o fechei até hoje.

Foi assim que empreendi uma discussão teórica orientada por duas categorias muito difundidas em nossa sociedade para interpretar as relações na família e o próprio jovem nos dias de hoje: a “crise de autoridade” e a “falta de limites”. Basta que nos voltemos para as grandes mídias, por exemplo, ou que pesquisemos pela internet para que com elas deparemos. Visava a uma compreensão do significado que estas duas noções poderiam adquirir na família das camadas médias urbanas brasileiras atualmente e, desse modo, desenhar um perfil teórico amplo do jovem ali inserido. Assim, tem-se inicialmente um plano geral da noção de família e das suas atualizações tanto no Ocidente quanto no Brasil contemporâneos; para que se dê conta dos dois planos fechados, o internacional e o brasileiro, utiliza-se o caso francês como mediação. Debruça-se, então, sobre a suposta rebeldia dos jovens e sobre os desdobramentos simbólicos suscitados pelo consumo e pelos grupos de pares.

Embora não nos limitemos a elas, baseamos nossas análises em duas coletâneas de artigos: *Uma nova família?: o moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*, organizada por Sérvulo Figueira e lançado em 1987, e *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*, organizada por Regina Novaes e Paulo Vannuchi e publicada em 2004. Por um lado, nos beneficiamos da organicidade interna e da intersdisciplinaridade que pauta estes volumes, o que atribuiu maiores fluidez e pluralidade entre os artigos utilizados. Ademais, lançar mão de duas coletâneas com datas de publicação relativamente distantes uma da outra permitiu-nos a comparação por época entre os diferentes textos. Este fator se revelou produtivo do ponto de vista analítico, uma vez que as publicações serviam de “grupo de controle” entre si.

---

<sup>5</sup> Na verdade, o próprio Marx esboça esta vontade ao prefaciar *Para a crítica da economia política*: “Considero o sistema da economia burguesa nesta ordem: *capital, propriedade fundiária, trabalho assalariado; Estado, comércio exterior, mercado mundial*. Nos três primeiros títulos examino as condições econômicas de vida das três grandes classes em que se divide a moderna sociedade burguesa; a conexão dos três seguintes é evidente” (id., *ibid.*:50).

A partir desta análise teórica do jovem, dediquei-me a um esforço de interpretação etnográfica. Minha abordagem antropológica em relação ao jovem, no entanto, não foi “direta”. Muitas vezes, debruçando-se sobre uma determinada coletividade humana, consegue-se entrar em contato com as suas representações, com os seus valores, enfim, com a sua cultura, aí incluídos os seus itens de consumo, sempre embebidos em preferências simbólicas construídas socialmente. Em relação a esta abordagem antropológica mais tradicional, tomei um caminho enviesado neste trabalho. O que tentei realizar aqui é um pouco diferente: partindo de um item de consumo dos jovens, pretendia conhecer-lhes um pouco melhor a cultura. Pensava numa abordagem metonímica, onde a parte, este item de consumo, informaria sobre o todo, a visão de mundo mais ampla do jovem.

Que item, portanto, serviu-nos aqui de material empírico? A revista *Superinteressante*<sup>6</sup>, da Editora Abril. Por quê? SUPER é comumente representada como uma publicação de divulgação científica voltada para jovens. Esta não foi uma informação difícil de conseguir. Tenho quase 26 anos e, não faz tantos anos assim, prestei vestibular. Volta e meia, eu e outros colegas de turma recorriamos à revista em busca de dados “científicos”, apresentados de um modo mais informal que aquele geralmente empregado nos livros de preparação para o exame. Além disso, como veremos no decorrer deste trabalho, ainda hoje é possível detectar esta representação através do próprio discurso da publicação. Mas por que se debruçar justamente sobre uma revista de divulgação científica voltada para jovens? Aqui será necessário abrir um parêntese contextual para melhor compreender a nossa própria abordagem.

Aquela primeira percepção intuitiva que me levou à tríade composta por jovens, jogos eletrônicos e comportamento desviante baseou-se em grande medida na minha leitura preliminar de notas e matérias de divulgação científica presentes em jornais e revistas de grande circulação, além daquelas exibidas em programas de televisão, reportagens que tratavam de recentes descobertas no campo da neurociência. Nestas parecia-me bastante vívida a afinidade estabelecida entre um sistema nervoso “imaturo”, geralmente o dos jovens ou daqueles que seriam afetados por psicopatologias<sup>7</sup>, e o comportamento desviante. Os jogos eletrônicos,

---

<sup>6</sup> Doravante designada por SUPER.

<sup>7</sup> Na reportagem “Qual a idade da maioridade?”, publicada em SUPER, em abril de 2007, por exemplo, deparamos mesmo com uma associação entre as duas classificações, ou seja, ser jovem é

nestes termos, não seriam o divertimento mais adequado, uma vez que retratariam atos violentos com precisão e realismo cada vez maiores; um sistema nervoso em formação aliado àquilo que seriam considerados estímulos de violência, ao fim, não seria uma boa idéia.

Influenciado à época pela leitura da obra de Norbert Elias, especialmente de *Os estabelecidos e os outsiders*<sup>8</sup>, pensava, então, dentro daquela primeira hipótese investigativa, uma sub-hipótese: as tensões na família das camadas médias urbanas estariam pautadas, em boa medida, por uma tônica sociobiológica, onde o estigma social atribuído pelos adultos aos jovens materializava-se na imaturidade física destes últimos, especialmente do seu sistema nervoso. Debruçando-me sobre uma apropriação leiga do conhecimento produzido pela neurociência, buscava ter acesso a uma representação possivelmente estigmatizante sobre o que é o jovem.

O problema com essa hipótese, percebemos mais tarde, era que, se SUPER é uma revista de divulgação científica voltada para jovens, passava automaticamente a soar um tanto fora de lugar supor que este jovem consumisse uma imagem estigmatizada de si mesmo com frequência. Como poderemos ver adiante, atualmente é difícil interpretar o jovem como um romântico melancólico e sentimental que se apraz em cultivar as dores do mundo e a sua própria ou como um rebelde que se mobiliza contra os valores retrógrados de seus pais. A preocupação deste jovem, ao que parece, está cada vez mais na manutenção e no gerenciamento de seu próprio bem-estar; esta manutenção e este gerenciamento, por sua vez, se calcariam em boa medida em informação, aí incluída a informação científica. Daí a nossa opção em analisar SUPER.

A partir deste recorte, indagamos qual a representação de ciência presente em SUPER, mais precisamente, aquela presente nas seis reportagens de capa do primeiro semestre de 2007 desta publicação; e, desse modo, perguntamos qual seria a representação de ciência consumida pelo jovem. Para tanto mobilizamos

---

ou está muito próximo de ser doente: “Entre os 16 e os 20 anos, o corpo humano passa por transformações que influenciam nossa maneira de agir. Não é à toa que adolescentes desafiam o perigo, a autoridade e fazem qualquer coisa para impressionar amigos (e amigas)”; e mais adiante: “O córtex frontal é responsável pelo controle dos impulsos e pela empatia, a capacidade de se colocar no lugar de outras pessoas. Enquanto essa região não se desenvolve, o comportamento dos adolescentes guarda uma certa semelhança com o dos psicopatas – que não conseguem desenvolver sentimentos afetivos” (SUPERINTERESSANTE, ed. 238:84).

<sup>8</sup> ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

considerações de Claude Lévi-Strauss, Norbert Elias, Clifford Geertz e Roberto DaMatta sobre o próprio fazer científico e antropológico, de maneira que pudéssemos contrastá-los com a prática jornalística de SUPER. Cabe salientar, trata-se de apenas *uma* representação de ciência, pois há outras revistas de divulgação científica disponíveis para compra no mercado nacional. Eis aí, aliás, o porquê das aspas que cercam o termo *ciência* no título desta dissertação.

Durante a minha interpretação das reportagens, percebi que um maior controle sobre estes dados empíricos pode engendrar uma dificuldade aparentemente paradoxal, no caso, uma coerência discursiva absoluta. Em outras palavras, se já é possível que um pesquisador cometa excessos autorais através de entrevistas e do trabalho de campo tradicional, num caso como esse, em que o texto permanece calado a cada leitura, a chance daquela possibilidade ir se avultando em uma probabilidade é cada vez maior, ou tanto maior quanto mais fértil a imaginação do investigador. O risco a ser gerenciado, então, era o de uma bricolagem. Daí tantas notas de rodapé: tentamos preservar o argumento geral de cada reportagem através do maior número de citações possível, sem que isso onerasse demais o próprio fluxo da dissertação<sup>9</sup>.

Se tivéssemos selecionado um grupo de jovens ao qual retornássemos à medida que progredisse a pesquisa, poderíamos testar ajustes investigativos, reformular questões, confirmar impressões etc. com maior facilidade, afinal, nestas condições a reflexividade inerente à atividade antropológica é potencializada pelos encontros face a face. Quando se debruça sobre matérias jornalísticas, a análise vira uma guerra de trincheiras quase filológica: cada parágrafo, linha, palavra ganham uma densidade significativa diferente da que teriam numa leitura ordinária. Além disso, deve-se tomar cuidado para não atribuir mais desta densidade a parágrafos, linhas e palavras insignificantes.

Dado o volume de informações e as possibilidades de combinação e manipulação empírica, uma equipe de pesquisadores parece ser a saída mais produtora para esta situação, já que a tarefa vira um exercício reflexivo de vigília incessante. E neste tipo de empreendimento o tempo é uma questão central. Efetivamente, não se pode tomar um discurso e analisá-lo imediatamente, e isto

---

<sup>9</sup> Neste ponto, o “Superarquivo” disponibilizado por SUPER na internet também é muito importante, uma vez que estende os meios de verificabilidade de nossas hipóteses a um número maior de pessoas. Desde 2007, SUPER começou a disponibilizar todas as matérias publicadas pela revista a partir de 1987, ano de seu lançamento, para consulta gratuita na internet.

em dois sentidos. Por um lado, como aprendi assim que iniciei a Graduação em Ciências Sociais, conceitos e teorias de outros autores devem mediar o investigador e a realidade que se investiga, o que, de certo modo, contribuiria para a pluralidade do seu argumento. Por outro, como diz Lévi-Strauss a respeito da análise dos mitos que empreendeu na confecção das suas *Mitológicas*,

*[é] preciso incubar o mito durante alguns dias, semanas, às vezes meses, até que, de repente, a centelha brote e que, em determinado detalhe inexplicável de um mito, se reconheça transformado determinado detalhe de um outro mito, e que se possa, por esse ângulo, reduzi-lo à unidade. Tomado por si só, cada detalhe não precisa significar algo, porque é no seu relacionamento diferencial que reside sua inteligibilidade<sup>10</sup>.*

Está longe de nossas intenções aqui querer estabelecer uma comparação ou uma filiação estrita com as análises de Lévi-Strauss. Queremos apenas chamar a atenção para a semelhança de atitudes. Também tivemos que “incubar” algumas reportagens por alguns meses. Como indica o autor, isto não significa ler e esperar pelo acaso, mas ler e reler em diversos momentos<sup>11</sup> e a partir de diferentes teorias. Como parece ter sido o caso com Lévi-Strauss, a nossa “centelha” apenas brotou num terreno regado a disciplina e acaso, aquele “de repente” ao qual ele faz menção na citação acima.

---

<sup>10</sup> LÉVI-STRAUSS, C.; ERIBON, D. *De perto e de longe*. Tradução: Léa Mello e Julieta Leite. São Paulo: Cosac Naify, 2005[1988], p.188.

<sup>11</sup> E até reler de trás para frente na expectativa de vislumbrar um sentido antes obtuso e, principalmente, de problematizar o sentido de leitura ao qual fui acostumado durante a minha socialização enquanto criança.